



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO - DCM
CURSO COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
COM 212 - NARRATIVAS JORNALÍSTICAS II
DOCENTE: ROBSON FILHO**

MARIANA MAIRINK - 116524

REPORTAGEM

Semeando Resistência - A revolução alimentar no assentamento Olga Benário

**VIÇOSA-MG
2025**

Semeando Resistência

A revolução alimentar no assentamento Olga Benário

Por Mariana Mairink



Bandeira do MST hasteada na cooperativa Olga Benário. Foto: Mariana Mairink.

O acesso à terra sempre foi um privilégio de poucos, desde os tempos coloniais e historicamente ignorou os direitos dos povos indígenas, quilombolas e camponeses, que seguem resistindo para manter seus territórios e modos de vida. Atualmente, essa realidade não é diferente. De acordo com a Oxfam Brasil, menos de 1% das propriedades agrícolas retém quase metade da área rural brasileira. Em um país onde a concentração de terras é um problema velado pelos interesses das grandes indústrias, a luta pelo direito à terra se torna símbolo de resistência.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mais conhecido como MST, é uma iniciativa coletiva na luta pela reforma agrária e pelo acesso à terra para mais de 450 mil famílias brasileiras. Ele visa implementar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil.

Na região rural de Visconde do Rio Branco, em Minas Gerais, o assentamento Olga Benário cultiva uma história de luta e resistência. Fundado em 2005, a comunidade é um lugar onde a alimentação agroecológica se mantém firme, mesmo com as dificuldades enfrentadas durante os anos. São aproximadamente 60 famílias assentadas, que cultivam saberes e tradições, principalmente alimentares.



Sede do assentamento Olga Benário, em Visconde do Rio Branco - MG. Foto: Mariana Mairink.

De acordo com a Associação Brasileira de Agroecologia, a ABA, a Agroecologia é definida como ciência, movimento político e prática social, que traz um enfoque científico, teórico, prático e metodológico orientada a desenvolver sistemas agroalimentares sustentáveis em todas as suas dimensões. Esse sistema busca produzir alimentos de forma sustentável, respeitando o tempo da natureza e elevando as culturas locais.

A alimentação e os saberes camponeses são pontos muito trabalhados no MST. Atualmente, no Olga Benário e em outros assentamentos da região, uma metodologia chamada “De Camponês a Camponês” está sendo implementada. Ela funciona como uma transição para a agroecologia, compartilhando a realidade de várias pessoas que vivem do modo camponês no movimento.

A transição para a agroecologia não é um caminho individual, mas sim um movimento da comunidade. A professora e pesquisadora do Departamento de Agronomia da Universidade Federal de Viçosa, Irene Maria Cardoso, destaca um ensinamento sobre esse modo de produção. Segundo ela, a transição para a Agroecologia é infinita e que uma pessoa só entra nesse processo no momento em que o coração pede uma outra forma de se relacionar com a natureza e se inquieta e fala: “Eu quero mudar”.

Essa forma de produção é uma alternativa para ter uma maior qualidade tanto na alimentação, quanto no dia a dia. O MST luta todos os dias pela agricultura familiar, que produz alimento de qualidade e sem venenos. A professora Irene relata a sua indignação com o uso dessas substâncias: “*A gente não consegue pensar na produção de alimentos saudáveis sem pensar nos princípios agroecológicos. E sem alimentos saudáveis não tem saúde, nem do dos seres humanos e nem de todos os outros seres.*”

As cooperativas presentes nos assentamentos trazem o sentido de coletividade do movimento, pois cada um oferece o seu melhor nas condições que tem. A produção, que também é consumida dentro da comunidade, aflora um sentimento de amor e preocupação com o próximo. Valdinei Artur Siqueira, membro da cooperativa do Olga Benário, conta sobre sua visão de poder se alimentar do seu próprio cultivo sem agrotóxicos: “*O assentamento e o MST já têm o hábito de produzir utilizando uma perspectiva agroecológica. Então, o fato de a gente consumir aquilo que a gente produz fortalece ainda mais essa necessidade de criar formas diferentes de produzir, que não seja na base de medicamento excessivo.*”



Produtos produzidos na cooperativa Olga Benário. Foto: Mariana Mairink.

Os moradores da comunidade classificam o plantio como uma “terapia”. Quando produzem e pegam um alimento, eles pegam uma história de vida. A história de vida de muitas famílias que vivem do esforço, suor e dedicação. Entretanto, essa luta do sobre alimentação

agroecológica muitas vezes é ofuscada por uma sociedade sem tempo para distinguir um alimento de qualidade de outro que foi pensado para ser preparado em 3 minutos. A membra do setor de Cultura do MST da Zona da Mata, Carolina Rodrigues Gomes compartilha sua insatisfação com essa realidade:

“É uma competição muito grande com essa sociedade que valoriza a rapidez na alimentação, que tudo é ultraprocessado [...]. Então tem aí também muita influência dessa cultura alimentar dos ultraprocessados. Mas a gente vem combatendo isso, na verdade, lutando contra isso. Porque a comida ultraprocessada, a gente fala que não é comida de verdade. Quem põe comida de verdade na mesa é o agricultor familiar.”

Mãe solo e filha de assentado, Neide Ferreira Lopes vive há 11 anos no Olga Benário. Grande parte da sua vida foi resumida em uma alimentação totalmente industrializada, muitas vezes pela falta de tempo no dia a dia. A mudança para o assentamento transformou suas refeições e descobriu uma vasta cultura de alimentos produzidos na comunidade. Foi nesse contexto que Neide se viu diante de uma missão em busca de uma alimentação melhor.

“Eu usava suco de saquinho, eu ia fazer compra, eram 30 pacotes de suco, um por dia. Sazón era um de cada sabor, eu era viciada. Hoje, se você entrar na minha cozinha, você não vai ver isso. Você não vê um Sazon, você não vai ver um suco artificial. [...] Eu cheguei, eu agarrei nelas, eu queria aprender a fazer pão, porque eu precisava alimentar os meus meninos, precisava fazer alguma coisa. Eu não sabia fazer essas coisas. Ou eu ia para rua comprar um monte de pacote de biscoito, ou eu aprendia a fazer. [...] Então, a minha alimentação lá era coisa industrial. Hoje eu não compro, eu faço.”, Segundo Neide.

Neide também destacou a diferença de trabalhar sozinha e como poder contar com mais pessoas na cooperativa faz a diferença. Segundo ela , eles conseguem “muito mais coisa se tem um coletivo aqui que junta uma turma para poder produzir.”. Ela complementa dizendo: “Os coletivos do plantio do feijão são lindos. É cansativo, mas a turma junta para colher e fala bobeira, vai colher feijão o dia inteiro. É aquela algazarra. Então, você imagina você numa roça catando feijão sozinho. Aí, você no coletivo, você tem ali 15, 16 mãos para estar te ajudando. Então, você entende que as coisas fluem com mais facilidade”

No âmbito governamental, as políticas públicas são essenciais para manter o funcionamento desse movimento, porém é de suma importância implementações eficientes para a realidade das comunidades do MST. Mesmo que uma cooperativa produza alimentos, muitas vezes a prática sem os maquinários necessários se torna desanimadora. Pensando nisso, o Deputado Federal de Minas Gerais, Padre João, incentiva a criação de políticas que ajudem essa causa:

“A gente procurou ajudar a parte da regularização. Ajudamos também com equipamentos, porque não resolve ter acesso à terra, se não tem condições de produzir. Condições de produzir é com equipamentos, como trator, implementos e lá pelo nível de organização, a gente pode também ajudar com esses equipamentos para deixar o trabalho menos penoso, menos sofrido, com enxada que você vai convencer os jovens, mulheres a permanecer na zona rural.”

A agroindústria brasileira se mantém baseada em uma política de exportação muito forte, em que produzem a monocultura e exportam para outros países, visando cada vez mais o lucro. Dessa forma, como precisam de resultados a curto prazo, se voltam para o uso de agrotóxicos que contaminam toda a diversidade do país, inclusive a água que consumimos diariamente.

A agricultura familiar se sustenta em outros pilares, o foco é colocar alimento de qualidade nas mesas de milhões de brasileiros. De acordo com dados do IBGE e CONTAG, cerca de 70% dos alimentos consumidos no Brasil vêm da agricultura familiar e que grande parte se sustenta através dessa lógica.

Em 2020, na pandemia, o MST doou 20 toneladas de arroz orgânico para comunidades carentes no Rio Grande do Sul e São Paulo, além de também ter doado outros tipos de alimentos. O MST é o maior produtor de arroz orgânico na América Latina, as produções se concentram no RS, onde também há maior número de famílias assentadas.

O assentamento Olga Benário produz anualmente altas quantidades de feijão orgânico. Neste ano (2025), o plantio foi de 16 hectares, uma diminuição com relação ao ano de 2024, em

que 30 hectares foram plantados. A causa dessa queda é multifatorial, mas Valdinei Siqueira afirma que o motivo foram as “mudanças climáticas”, que desencorajaram as famílias no cultivo.



Feijão orgânico produzido pelo MST. Foto: Mariana Mairink.

Cada ano que passa o uso dos agrotóxicos torna-se cada vez mais insustentável. No Brasil, a média de uso por hectare é 10,9 kg, enquanto os EUA usam 2,8 kg/ha e a China, 1,9 kg/ha, isso segundo dados da FAO, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. A utilização também impacta significativamente a saúde, podendo afetar o sistema imunológico, nervoso e hormonal, além do risco de câncer.

Enquanto poucos concentram as terras no território brasileiro, no assentamento Olga Benário, uma chama se mantém acesa, a da esperança para um futuro melhor. Um futuro onde a população entenda que um alimento sem veneno não é só mercadoria, mas sim uma semente de resistência. Como diz Geraldo Vandré: “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.